

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo X – Lei de liberdade

Item 2. Escravidão

830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, são censuráveis os que dela aproveitam, embora só o façam, conformando-se com um uso que lhes parece natural?

R. “O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas, aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Tendo-se a escravidão introduzido nos costumes de certos povos, possível se tornou que, de boa-fé, o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, nenhuma desculpa mais ele tem.”

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0830).

Livro 17

Capítulo 830 – Costumes

0830/ LE

As leis de um povo são de acordo com as suas necessidades educativas, e como amostra disso podemos notar as diferenças de país para país. No entanto, elas vão se modificando com as mudanças dos homens.

Se uma nação for recebendo mais almas primitivas, ou envolvidas em dividas do passado, as leis vão se arrochando cada vez mais, para que elas possam saldar o débito dos seus deslizes. Mas, tudo isso são processos de despertar das qualidades espirituais das almas em questão. O que se chama de mal são sempre esses processos. Em todas as circunstâncias, em tudo, eles aparecem para desentulhar os caminhos e tornar os Espíritos melhores. Quando se destrói uma mata, parece-nos um mal, no entanto, é dali que surgirá a alimentação das criaturas. Como se pode fazer o plantio no seio da mata virgem? É preciso que se destrua, em muitos casos, para construir. A casa velha, quando destruída para fazer levantar uma nova, modificada e bem mais saudável. Os corpos, igualmente, são destruídos, para que a alma receba novo corpo com novas possibilidades de se reerguer.

As leis estabelecidas em um país, quando não mais necessárias, são substituídas por outras mais aprimoradas. Não vamos colocar Deus como carrasco, por esse motivo; nós é que não sabemos, na profundidade, o que são essas mesmas leis que se encontram em vigor e o bem que fazem para os que a elas estão sujeitos.

Não se deve somente olhar para trás. Se há alguém sofrendo no mundo, que se faça qual Jesus: trabalhe-se para o aprimoramento dessa criatura e que não se passe com isso a viver o que ela vive. A compaixão desmedida retrocede os próprios sentimentos. Cada um recebe o que merece na pauta do tempo.

Estudemos em Lucas, no capítulo nove, versículo sessenta e dois, a seguinte instrução:

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.

Mas Jesus lhes replicou: Ninguém que tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus.

Olhar para trás, para os acontecimentos do passado e viver esse passado distante não é ato digno de elevar-nos, por ficarmos presos ao que se foi. Nós mesmos é que nos escravizamos pela ignorância.

Aquele que escraviza as criaturas se encontra, por lei, ligado a elas. Tanto um como o outro sofre as consequências. O guarda de um presídio é obrigado a se manter ao lado do preso, e ambos se encontram ligados um ao outro, respirando no mesmo ambiente. Até os diretores vivem aquele clima de crimes e de toda a ordem de desvios da lei.

O Cristo veio para nos dar uma nova noção de liberdade, tirando o homem da escravidão da Terra, colocando-o na obediência a Deus. No fundo, todos somos dependentes uns dos outros, no que tange às necessidades, principalmente no mundo em que nos encontramos, dando nossos testemunhos. Se não queremos ser escravos, basta que amemos aos que nos escravizam. Entendamos essa lei de amor, que ficaremos livres.

Certamente que todas as criaturas querem ser perfeitamente livres, até mesmo das leis que as disciplinam, todavia, ainda não podem ter essa liberdade. Somente Deus tem a liberdade absoluta, porque Ele cria as condições que deseja para a Sua vida.

Nunca seremos livres, totalmente livres. A dependência a Deus é eterna e, de certo modo, estamos sempre ligados uns aos outros, porque os Espíritos, mesmo os mais evoluídos, trabalham em conjunto; o que nos traz a liberdade interna é o cumprimento das leis de Deus, às quais o amor serve de veículo.

Não devemos nos preocupar com os costumes dos povos, mesmo os mais primitivos, que eles asseguram, onde servem de lei, certa paz para os que vivem em conjunto por sintonia.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XVII, Cap. 830 – Costumes

– questão 0830, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.